

POR
ISSO
A
GENTE
ACABOU

DANIEL HANDLER

ILUSTRAÇÕES
Maira Kalman

TRADUÇÃO DE
ÉRICO ASSIS

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 2011 by Daniel Handler
Copyright das ilustrações © 2011 by Maira Kalman

Publicado mediante acordo com Charlotte Sheedy Literary Agency.
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Why we broke up

Capa

Alceu Nunes

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Ana Maria Barbosa

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Handler, Daniel

Por isso a gente acabou / Daniel Handler ; ilustrações
Maira Kalman ; tradução Érico Assis. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2012.

Título original : Why we broke up

ISBN 978-85-359-2023-9

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Kalman, Maira.
II. Título.

12-02534

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção - Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção - Literatura juvenil 028.5

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Caro Ed,

Daqui a um segundo você vai ouvir o *tump*. Na porta da frente, aquela que ninguém usa. Quando ela tocar no chão, vai balançar as dobradiças, porque é pesada e importante, e vai ter esse outro barulho junto com o *tump*, e a Joan vai tirar os olhos de seja lá o que for que ela estiver cozinhando. Ela vai olhar para a panela de novo, preocupada, porque, se for até a porta para ver o que é, vai cozinhar demais. Eu a vejo franzindo a testa no reflexo do molho borbulhante ou sei lá o quê. Mas ela vai ver, ela vai. Você não vai, Ed. Não veria. Você deve estar no andar de cima, suado, sozinho. Você devia estar tomando banho, mas está de coração partido na cama, eu espero, por isso é a sua irmã, a Joan, que vai abrir a porta mesmo que o *tump* seja para você. Você nem vai saber o que é nem ouvir o que está sendo jogado na sua porta. Você não vai nem entender por que aconteceu.

O dia está lindo, ensolarado e tudo mais. É daqueles dias em que você acha que tudo vai dar certo etc. Não era o dia para isso, nem para nós, que saímos de 5 de outubro a 12 de novembro. Mas já é dezembro e o céu está claro, assim como tudo agora está claro para mim. Estou contando por que a gente acabou, Ed. Estou escrevendo, nesta carta, toda a verdade sobre o que aconteceu. E a verdade é que, porra, eu te amei demais.

O *TUMP* É DA CAIXA, ED. É isso que eu estou deixando para você. Achei no porão, fui lá e peguei a caixa quando todas as nossas coisas começaram a ficar demais para a gaveta do meu criado-mudo. E também achei que a minha mãe fosse descobrir umas coisas, porque ela adora bisbilhotar no que não deve. Então foi tudo para a caixa e a caixa foi para o closet, deixei em cima daqueles sapatos que eu nunca uso. Todo souvenir de amor que a gente tinha, os prêmios e os destroços dessa relação, que nem confete na sarjeta depois que o desfile passa, o tudo e o não sei que mais chutado para o meio-fio. Estou largando essa caixa toda de volta na sua vida, Ed, cada pertence do meu eu com você. Vou largar essa caixa na sua varanda, Ed, mas é você, Ed, quem está sendo largado.

O *tump*, eu admito, vai me fazer sorrir. Uma coisa bem rara, ultimamente. Tenho ficado que nem a Aimeé Rondelé em *O céu também chora*, um filme, um filme francês, você não assistiu. Ela é assassina e estilista, e só sorri duas vezes no filme inteiro. A primeira é quando o chefão que matou o pai dela é jogado de um prédio, e não é nessa vez que estou pensando. É aquela do final, quando a Aimeé finalmente consegue o envelope com as fotos e o queima sem abrir naquele cinzeiro esplendoroso e fica com aquele vestido verde sensacional assistindo os tordos rodearem o pináculo da igreja. Eu entendo. O mundo entrou nos eixos de novo, o sorriso é por isso. Eu te amava e aqui vão as suas coisas, para longe da minha vida onde você deve ficar, o sorriso é por isso. Sei que você não vê, Ed, mas se eu contar a trama toda talvez você entenda desta vez, porque mesmo agora ainda quero que você veja. Eu não te amo mais, claro que não, mas ainda tem alguma coisa que posso te mostrar. Você sabe que eu quero ser diretora, mas você nunca viu de verdade os filmes da minha cabeça e foi por isso, Ed, que a gente acabou.

ESCREVI A FRASE QUE EU MAIS GOSTO na tampa da caixa, é do Hawk Davies, que é uma lenda, e estou escrevendo esta carta em cima da tampa da caixa, usando-a de mesa, para poder sentir o Hawk Davies fluindo em cada palavra que escrevo para você. O caminhão da loja do pai do Al às vezes balança, então as palavras podem ficar tremidas, mas azar o seu que vai ter que ler cada uma delas. Liguei para o Al hoje de manhã e, logo que eu disse “Adivinha?”, ele respondeu: “Você vai pedir para fazer uma entrega com o caminhão do meu pai”.

— Você é um bom adivinho — falei. — Quase isso.

— Quase?

— O.k., está bem, é isso.

— Certo, me dá um segundo para eu achar as chaves e já te pego.

— Deve estar na sua jaqueta, depois de ontem.

— Você também é uma boa adivinha.

— Não quer saber qual é a entrega?

— Você me diz quando eu chegar.

— Eu quero dizer agora.

— Não interessa, Min — ele disse.

— Me chame de La Desperada — falei.

— Hein?

— Vou devolver as coisas do Ed — falei depois de respirar fundo, e aí ouvi o Al respirar fundo também.

— Finalmente.

— Pois é. A minha parte do acordo, né?

— É, quando você estivesse pronta. Então, está pronta?

Mais um suspiro, mais um bem profundo, mas tremido.

— Sim.

— Você está triste?

— Não.

— *Min.*

— Tudo bem, estou.

— O.k., peguei as chaves. Cinco minutos.

— O.k.

— O.k.?

— É que eu estou olhando para a frase na caixa. Hawk Davies, sabe? *“You either have the feeling or you don’t”*

— Cinco minutos, Min.

— Al, desculpa. Eu nem devia...

— Min, não tem problema.

— Mas não precisa. É que a caixa é tão pesada que eu não sei...

— *Não tem problema*, Min. E claro que eu preciso.

— Por quê?

Ele suspirou no telefone e eu continuei olhando para a caixa. Vou sentir falta da frase quando abrir o closet, mas não, Ed, não sinto saudade de você.

— Porque, Min — disse o Al —, as chaves estavam na minha jaqueta, como você falou.

O Al é uma pessoa boa, muito boa, Ed. Foi na festa do Al que você e eu nos conhecemos, não que ele tivesse te convidado, porque ele não tinha opinião formada sobre você na época, então não convidou nem você nem ninguém da sua turminha de atletas toscos para a festa de Dezesseis do Desgosto dele. Saí mais cedo do colégio para ajudar com o *pesto* de dente-de-leão verde que fizemos com gorgonzola em vez de parmesão para ficar mais amargo e que servimos por cima do nhoque cor de nanquim da loja do pai dele misturado com vinagrete de laranja sanguínea da salada de frutas e cozinhamos aquele bolo de chocolate preto oitenta e nove por cento de cacau no formato de um grande coração negro tão amargo que não conseguimos comer, mas você simplesmente apareceu sem ser convidado com o Trevor e o Christian e os outros e ficou escondido num canto e não tocou em nada além de, tipo, nove garrafas de cerveja preta Scarpia's. Eu fui uma boa convidada, Ed, e você não disse nem “amargo aniversário” nem deu um presente para o seu anfitrião, e foi por isso que a gente acabou.

ESTAS SÃO AS TAMPINHAS das garrafas de cerveja preta Scarpia's que você e eu tomamos no quintal do Al naquela noite. Eu ainda vejo as estrelas brilhando e formigando e a gente esbaforindo fumaça do frio, você de jaqueta do time e eu com o casaco de lã que sempre pego emprestado na casa do Al. Já estava me esperando, lavado e dobrado, quando subi com o Al para dar o presente dele antes de os convidados chegarem.

— Eu falei que não queria presente — disse o Al. — Eu te falei que a festa já era suficiente, não era compulsório trazer...

— Não é *compulsório* — eu disse, porque tinha o mesmo jogo de vocabulário que o Al quando a gente era calouro. — Eu achei uma coisa. Que é perfeita. Abre.

Ele tirou a sacola de mim, nervoso.

— Vamos lá, feliz aniversário.

— O que é?

— Tudo que o seu coração deseja. Espero. Abre. Você vai me deixar louca.

Rasga, arranca, rasga, e ele meio que deu um suspiro. Foi recompensador.

— Onde você achou?

— Não é, tipo, não é *igualzinha* àquela que o cara usa na cena da festa do *Una settimana straordinaria*?

Ele sorriu para a caixinha. Era uma gravata, verde-escura com uma linha costurada de diamantes estilizados. Estava na minha gaveta das meias fazia meses, esperando.

— Tire — falei. — Use hoje. Não é *igualzinha*?

— Quando ele sai do Porcini XL10 — ele disse, mas estava olhando para mim.

— A cena que você mais gosta de todos os filmes do mundo. Espero que você tenha amado.

— Eu amei, Min. Amei mesmo. Onde você achou?

— Dei uma passadinha na Itália e seduzi o Carlo Ronzi, e aí quando ele caiu no sono fui no figurino dele e...

— *Min.*

— Liquidação. Deixa que eu ponho em você.

— Eu sei pôr uma gravata, Min.

— Não no seu aniversário. — Dei um jeito no colarinho dele. — Elas vão te comer com os olhos.

— Quem?

— As meninas. As mulheres. Na festa.

— Min, vai ser o mesmo pessoal que sempre vem.

— Não tenha certeza disso.

— Min.

— Você não está pronto? Quer dizer, eu estou. Já superei o Joe. Foi só um pega de verão, chega. E você? Los Angeles já faz quase um milhão de anos...

— Foi no ano passado. *Este* ano, na verdade, mas no semestre passado.

— É, e começou o último ano, a primeira coisa que vamos fazer. Está preparado? Para a festa, para o romance, para *Una settimana straordinaria*? Você não está, tipo, sedento por...

— Estou sedento por *pesto*.

— Al.

— E para que as pessoas se divirtam. Só isso. É só um aniversário.

— É o Dezesesseis do Desgosto! Você está dizendo que se a menina parar na frente do Porcini-sei-lá-o-quê...

— Tudo bem, para o carro eu estou pronto.

— Quando você tiver vinte e um — falei —, eu te compro o carro. Hoje é a gravata e algo mais...

Ele suspirou, bem baixinho, para mim.

— Nem tenta, Min.

— Eu encontro o que o seu coração mais deseja. Olha só, já fiz uma vez.

— Estou falando da gravata. Parece que você está fazendo tranças numa passadeira. Solta.

— Tudo bem, tudo bem.

— Mas obrigado.

Arrumei o cabelo dele.

— Feliz aniversário — falei.

— O casaco de lã está ali quando você ficar com frio.

— Sim, porque eu vou estar jogada num canto sabe-se lá onde e você estará num mundo de paixão e aventura.

— E de *pesto*, Min. Não esquece do *pesto*.

Lá embaixo, a Jordan tinha colocado o mix da amargura, no qual havíamos trabalhado arduamente, e a Lauren estava andando com um palito de fósforo comprido acendendo velas. *Silêncio no set*, era isso que parecia, os dez minutos em que tudo crepita e nada acontece. E então, com um *vuush* da porta de tela dos pais dele, um carregamento inteiro de Monica e o irmão dela e aquele cara que joga tênis entraram com vinho que tinham surrupiado da *open house* da mãe dela — ainda embrulhado em papel de presente feinho — e aumentaram a música e a noite começou. Fiquei quieta na minha procura, mas continuava em busca de alguém para o Al. O problema é que as meninas eram todas erradas, de glitter na bochecha ou agitadas demais, ou não sabiam nada de cinema ou já tinham namorado. E aí já era tarde, o gelo tinha virado água na tigelo-na de vidro, como as calotas polares. O Al ficava dizendo que era hora do bolo e, como uma música que esquecemos que estava no mix, você entrou na casa e na minha vida.

Você parecia forte, Ed. Acho que você sempre pareceu forte, os seus ombros e o queixo, os seus braços te conduzindo pela sala, o pescoço onde agora sei que você gosta de ser beijado. Forte e limpo, confiante, até amigável, mas não muito disposto a agradecer. Alto como um grito, bem descansado,

robusto. De banho tomado. Lindo, Ed, era isso que eu queria dizer. Suspirei que nem o Al quando dei o presente perfeito para ele.

— Eu amo essa música — alguém falou.

Acho que você sempre faz isso nas festas, Ed, andar com os cotovelos de sala em sala, cumprimentando todo mundo com os olhos na sala à frente. Alguns ficavam olhando, teve uns caras que fizeram “toca aí” com você, e o Trevor e o Christian quase bloquearam os homens que nem guarda-costas. O Trevor estava bem bêbado e você o acompanhou por uma porta até sair de vista e eu esperei até a música chegar de novo no refrão antes de ir te procurar. Não sei por quê, Ed. Não é que eu nunca tivesse te visto. Todo mundo te conhece, você é, tipo, sei lá, o filme que todo mundo vê quando é criança, todo mundo te viu, ninguém lembra de não te ver. Mas de repente eu queria mesmo, de verdade, te ver de novo naquele instante, naquela noite. Passei por aquela cara que ganhou o prêmio de ciências, olhei na sala de jantar, na salinha com as fotos emolduradas do Al sem jeito na escadaria da igreja. Estava abafado, cada sala, muito calor e muito barulho, e eu subi as escadas correndo, bati na porta para o caso de já haver alguém na cama do Al, peguei o casaco de lã e então fui para fora tomar um ar e talvez te ver no quintal. E eu vi, você estava lá. O que me levou a fazer essa coisa, você lá parado e sorrindo, segurando duas cervejas enquanto o Trevor passava mal na floreira da mãe do Al? Não era para eu estar olhando, eu não. Não era o *meu* aniversário, foi isso que eu pensei. Não tinha motivo para eu ter saído assim, no quintal, assim, de repente. Você era o Ed Slaterton,

qual é, falei para mim mesma, você nem tinha sido convidado. O que é que eu tenho? O que eu estava fazendo? Mas da boca para fora eu estava conversando com você e perguntando o que tinha acontecido.

— Não é comigo — você disse. — Mas o Trev está meio mal.

— Vai se foder — o Trevor balbuciou dos arbustos.

Você riu e eu ri também. Você ergueu as garrafas na luz do alpendre para ver qual era qual.

— Toma, essa aqui ninguém tocou ainda.

Eu não costumo beber cerveja. Não bebo nada, na verdade. Peguei a garrafa.

— Não era para o seu amigo?

— Ele não devia misturar — você disse. — Já tomou metade de uma Parker's.

— É mesmo?

Você olhou para mim e aí pegou a garrafa de volta porque eu não conseguia abrir. Em um segundo você abriu e pôs as duas tampinhas na minha mão como se fossem moedas, um tesouro, um segredo, e aí me devolveu a garrafa.

— A gente perdeu — você explicou.

— O que ele faz quando vocês ganham? — perguntei.

— Bebe meia garrafa de Parker's — você disse, e aí...

A Joan me contou que teve uma vez que você levou um soco numa festa depois de perder um jogo, então é por isso que você vai na festa dos outros quando perde. Ela me disse que ia ser difícil namorar o irmão dela, o astro do basquete.

— Você vai ser viúva — ela me disse, lambendo a colher e aumentando o volume do Hawk. — Uma viúva do basquete, num tédio sem fim enquanto ele bate bola mundo afora...

Eu pensei, e fui burra, que não ia me importar.

E aí você perguntou o meu nome. Respondi que era Min, apelido de Minerva, deusa romana da sabedoria, porque o meu pai estava fazendo mestrado quando eu nasci, e que, nem pergunte, não ia mesmo ter jeito, só a minha vó podia me chamar de Minnie porque ela me disse que, quando eu imitava a voz dela, eu era a melhor de todas.

Você disse que o seu nome era Ed. Como se eu não soubesse. Perguntei como vocês perderam.

— Não — você disse. — Se eu tiver que te contar como a gente perdeu, vou ferir todos os meus sentimentos.

Gostei, “todos os meus sentimentos”.

— Cada um deles? — perguntei. — De verdade?

— Bom — você disse, e deu outro gole. — Talvez me restem um ou dois. Talvez eu ainda tenha um sentimento.

Eu também tinha um sentimento, um feeling. É claro que você acabou me dizendo, Ed, já que você é menino, por que perdeu o jogo. O Trevor roncava na grama. A cerveja tinha gosto ruim e eu cuidadosamente coloquei a garrafa atrás de mim no chão gelado, e lá dentro as pessoas estavam cantando. “Amargor para você, nesta data fedida, muitas calamidades” — e o Al nunca me deu uma dura por ter ficado lá fora com um garoto sobre o qual ele não tinha opinião formada em vez de entrar para vê-lo apagar as dezesseis velas negras naquele co-

ração negro e incomível —, “muitos anos de dor.” Você me contou a história toda, os seus braços magros na jaqueta feia, e refez todos os seus movimentos. O basquete ainda é incompreensível para mim, esse negócio de bater bola, gritar, correr de uniforme, e embora não tenha ouvido eu estava ligada em cada palavra. Sabe do que eu gosto, Ed? Da palavra “bandeja”. Tem uma coisa sexy. Eu saboreei aquela palavra — “bandeja”, “bandeja”, “bandeja” —, as suas fintas e faltas, os seus arremessos livres e tocos e as cagadas que fizeram tudo ir por água abaixo. A bandeja, aquele movimento fluido que saiu como você queria, enquanto todos os convidados ficavam cantando na casa, “O Al é só amargura, o Al é só amargura, o Al é só amargura, ninguém pode negar”. A canção que eu guardei para o filme, tão alta, passando pela janela, que as suas palavras viraram um borrão dos esportes quando você terminou o seu jogo e atirou a garrafa para que se partisse elegantemente contra a cerca, e aí você começou a perguntar:

— Posso te chamar para...

Achei que você ia pedir para me chamar de Minnie. Mas você queria saber se podia me telefonar. Quem era você para fazer aquilo, quem era eu para dizer sim? Eu teria dito sim, Ed, teria deixado você me chamar daquilo que eu odiava ser chamada por aquela que me ama mais do que todos. No lugar disso falei que sim, claro, você podia me chamar para a gente ver um filme no fim de semana que vem, e Ed, o negócio de ter o que o seu coração deseja é que o seu coração não sabe o que deseja até aparecer. Como uma gravata em liquidação,

uma coisinha perfeita num balaio de nadas, você estava lá, sem ser convidado, e agora a festa tinha acabado e você era tudo que eu queria, o melhor presente. Eu não estava nem procurando, não por você, e agora você era o que o meu coração desejava, chutando o Trevor para que ele acordasse e saindo a trotar pela noite doce.

— Aquele era o... *Ed Slaterton*? — a Lauren perguntou, de sacola na mão.

— Quando? — falei.

— Antes. Não diz *quando*. Era ele. Quem convidou? Que *piração* ele aqui.

— Eu sei — falei. — Né? Ninguém?

— E ele pegou o seu telefone?

Escondi as tampinhas na mão para ninguém ver.

— Hã.

— O Ed Slaterton te convidou para sair? O Ed Slaterton te *convidou* para sair?

— Ele não me convidou — falei, tecnicamente. — Ele só perguntou se podia...

— Se podia o quê?

A sacola fazia barulho no vento.

— Se ele podia me convidar para sair — admiti.

— Minha Nossa Senhora — disse a Lauren, e aí, veloz: — Como diria a minha mãe.

— Lauren...

— A Min foi convidada para sair pelo *Ed Slaterton* — ela avisou a casa inteira.

— O quê? — a Jordan foi lá fora. O Al ficou olhando assustado pela janela da cozinha, franzindo o cenho na frente da pia como se eu fosse um guaxinim.

— A Min foi convidada para sair...

— É mesmo? — A Jordan estava procurando por ele no quintal.

— Não — falei. — Não foi assim. Ele só pediu o meu telefone.

— Claro, pode ser qualquer coisa — a Lauren bufou, jogando guardanapos molhados na sacola. — Pode ser que ele trabalhe na telefônica.

— Para.

— Talvez seja obcecado por DDDs.

— *Lauren...*

— Ele te *convidou* para *sair*. O Ed Slaterton.

— Ele não vai ligar — falei. — Foi só da festa.

— Não se rebaixe — a Jordan disse. — Você tem todas as qualidades que o Ed Slaterton procura nas mil namoradas dele, se pensar bem. Você tem duas pernas.

— E você é uma forma de vida de base carbono — a Lauren falou.

— Parem — falei. — Ele não é... ele é só um cara.

— Olha só ela, *só um cara*. — A Lauren continuou a recolher o lixo. — O Ed Slaterton te convidou para sair. Que loucura. Tipo, *Olhos no telhado* de loucura.

— Não é tão louco quanto este, deve-se dizer, ótimo filme, que se chama *Olhos no teto*. *Porém*, ele não vai ligar.

— Não acredito — a Jordan disse.

— Não tem no que acreditar — falei para todo mundo no quintal, inclusive para mim. — Foi uma festa, e o Ed Slaterton estava aqui e acabou e agora vamos limpar tudo.

— Então vem me ajudar — o Al finalmente falou e ergueu a tigela do ponche, que estava pingando. Corri na cozinha atrás de uma toalha.

— Jogo essas fora?

— O quê?

Ele apontou para as tampinhas na minha mão.

— Sim, claro — falei, mas enfiei no bolso de trás e ele não viu. O Al me entregou tudo, a tigela, a toalha para secar, e ficou me olhando.

— O Ed Slaterton?

— Pois é — falei, tentando bocejar. Por dentro eu me tremia toda.

— Ele vai mesmo te ligar?

— Não sei.

— Mas você... *quer*?

— Não sei.

— Não sabe?

— Ele não vai me ligar. É o Ed Slaterton.

— Eu sei quem ele é, Min. Mas você... o que vocês...?

— Não sei.

— Sabe sim. Como não sabe?

Sou muito boa em mudar de assunto.

— Feliz aniversário, Al.

O Al só fez que não, provavelmente porque eu estava rin-

do, acho. Acho que eu estava rindo, a festa tinha acabado e aquelas tampinhas pegavam fogo no meu bolso. Pegue-as de volta, Ed. Aí estão. Pegue também o sorriso e a noite, pegue tudo de volta, era isso que eu queria que você fizesse.